

1.11.70 GUERRA-NA-SELVA

17.12.70

1 1076

filme sobre foto (aproximando) O ano: 1970. O local: uma clareira na selva amazônica. O país: Brasil.

Assim começava uma das mais sérias denúncias contra este país. Homens submersos de cabeça para baixo numa fossa com meio metro de diâmetro. Homens crucificados. Homens convivendo em minúsculos caixões, com sapos-gigantes. Homens torturados num dos mais sofisticados campos de concentração da História Moderna. (TOM) Os adjetivos modificam a verdade do mesmo modo como a pintura esconde a parede de papelão e a faz passar por concreto.

fachada do SIES

O ano: 1970. O local: uma clareira na selva amazônica, O País: Brasil. Aqui começa a verdadeira História.

(TOM) Quartel-General do Centro de Instrução de Guerra na Selva, Manaus- Amazonas.

estradinha (int.do CG)

Por este caminho, centenas de voluntários vindos de todas as bases militares do país, iniciam uma longa aventura, onde a tenacidade, o espírito de combate, o sentido de equipe e a própria resistência humana são levados às últimas conseqüências. Quando eles retornarem por esta mesma estrada, não haverá no mundo alguém mais preparados para a terrível guerra travada na traição dos charcos, na sujeira dos lodos, na bestialidade das selvas.

(TOM) A simples condição de voluntário não é suficiente para o ingresso no CIGS. Mesmo aprovado nos severos exames realizados em sua própria unidade, passa por novos testes no CG do Centro de Instrução.

2 1077

subindo o rio

Só então, o voluntário é levado a embrenhar-se na floresta, deixando para trás - durante seis semanas - os últimos resquícios da civilização. Manaus vai ficando ao longe, enquanto a balsa avança rio Negro acima, rumo ao lago Purapequara, primeira base do CIGS em plena selva.

lago

SOBRE BG

em terra firme, ao lado da base

Ali, os voluntários passam sua primeira semana - tomando contato com a floresta, seus perigos, suas manhãs e aprendendo como vencê-la e transformá-la numa mulher dócil e compreensiva.

construção de balsas

Transporte e Comunicação. Dois gigantes obstáculos na selva. O rio, o igarapé, igapó, o lago são o caminho fácil e natural. Andar sobre as águas é um segredo. Quando dominado, tudo se transforma. De troncos de pequenas árvores e sipós se pode fazer uma balsa improvisada...

Descobrir madeiras específicas e o modo de amarrá-las é algo muito difícil de aprender.

Navegar como uma balsa improvisada, é mais difícil ainda. Aulas teóricas são ministradas por oficiais altamente treinados, e elas consomem dias seguidos de atenção. Isso feito, o grupo de voluntários passa por um teste e tem apenas três horas para escolher as madeiras, derrubar o tronco, cortar os sipós e amarrá-los dentro da água. Depois, todo o equipamento

militar é colocado sobre a balsa. Usando as pernas como propulsoras, os componentes do grupo vão deixando a margem e ganhando águas mais profundas. Se a balsa afundar, todo o grupo perde pontos. Cada voluntário inicia o curso com mil pontos. À medida que comete faltas, os pontos vão sendo abatidos. Com menos de setecentos pontos, o voluntário poderá -inclusive- ser desligado do curso.

No primeiro teste, o grupo tem que impulsionar a balsa em duzentos metros da água rápidas para alcançar a outra margem. Há um tempo estabelecido: não cumprí-lo significa perda de pontos.

Mes se construir uma balsa perfeita é difícil, imaginem fazer das próprias peças um bóia improvisada! Basta aprender como enchê-las de ar...

SOBRE BG

Utilizar cantis vazios é bem mais prático. Mas nem sempre o guerreiro da selva conta com cantis...

SOBRE BG

Vencer o medo. Quantos de nós já tentaram vencer o medo. Uma das mais terríveis provas por que passam os voluntários do CIGS é a da rodajima. Ela tem dupla intensão: dar mais firmeza e segurança ao soldado, e fazer com que ele sinta inteira confiança no companheiro ou no comendante.

enchendo as calças

cantis

deslizadores (árvore)
rodajima etc.

A prova tem um nome ingenuo: transposição de obstáculos natural. No caso, o "obstáculo natural" é um lago. Numa castanheira de quarenta metros de altura é amarrado um cabo de aço, que é esticado até a outra castanheira - muitos metros abaixo, do lado de lá do vale e do lago. Já na castanheira, o teste de subida é verdadeira prova de fogo. Uma escada improvisada é erguida. Seus primeiros degraus são firmes e equidistantes. Mas à medida que o voluntário sobe, os degraus ora se afastam ora se aproximam. E os últimos são envernizados e encerrados, tremendamente escorregadios. Vencer a vertigem e o medo da queda já é alguma coisa. Depois, o soldado agarra-se numa rodaina, presa ao cabo, e lança-se no vazio, a uma velocidade vertiginosa. No lago sôbre um bote, o comandante orienta e descida. Quase junto à margem, dá ordem para o voluntário largar a rodaina e mergulhar. "e não o fizer, irá bater de encontro à castanheira de apoio, a pelo menos sessenta quilômetros por hora. E a morte é quase certa. Diante do perigo, a cabeça funciona mais que os sentimentos, e até hoje não houve quem não largasse a rodaina ao comando do oficial treinador.

(SOBE BG)

militares agachados fazem plan... Na terceira semana de treinamento, começa a guerra. Um general inimigo- Romito- plane-

no de guerra

Já uma incursão noturna contra as bases nacionais da Amazônia. Os planos são traçados e a operação é eminente.

O exército "inimigo" é constituído por oficiais e sargentos com vários cursos de guerra nas selvas, e - na realidade - os próprios instrutores do CIGS. Vencê-los é tarefa para gigantes. E os voluntários terão que provar serem gigantes, usando toda a teoria e a prática até então aprendida.

A guerra é verdadeira. As balas é que não são. "penas isso. Os planos são traçados para a captura do general Romito, de preferência vivo. Os soldados nacionais tentarão deter o avanço inimigo sobre a base, com um ataque noturno de surpresa.

(SOBRE BG)

barco saindo

Em barcos de borracha, os soldados iniciam a penetração na selva, em busca dos esconderijos do general Romito. Desembarcando nas cabeças de praia, os nacionais avançam floresta adentro, colhendo os inimigos despreparados. O ataque é rápido e mortífero. Os guerrilheiros são presos em quase sua totalidade.

Mas alguns conseguem fugir, inclusive o próprio general Romito, utilizando uma pequena embarcação e subindo o rio Negro.

(SOBRE BG)

caça aos guerrilheiros na mata e nos igerapós

No dia seguinte, os soldados nacionais iniciam uma operação de limpeza, denominada pelo código, de Operação Piranha. Em grupos, os

soldados batem as matas e os igapós, procurando os guerrilheiros foragidos e que, segundo os serviços de informações, preparam um ataque contra a base fluvial dos nacionais, para libertar seus companheiros. A Operação Piranha visa dar aos soldados preparo para ação rápida dentro e fora da água. O equipamento militar normal - apesar de ultra-moderno - oferece desvantagens quanto aos meios primitivos de navegação no Amazonas e fluviiais. Por exemplo: os barcos de borracha, apesar de contarem com potente motor, muitas vezes não conseguem acompanhar uma canoa a remo. Esta, muito mais estreita, pode penetrar - numa rápida manobra - em qualquer igapó ou igarapé, enquanto os barcos a motor, mais largos e mais velozes, tem que fazer duas ou três manobras para acompanhar o barco inimigo.

Nessas operações, tanto "amigo" como "inimigo" usam bolas de fetim e simulacros de bombas. Tanto as balas como as bombas, se não tem poder para matar, podem até ferir com certa gravidade. Isso obriga os voluntários a encararem as manobras como uma quase-guerra, e agir como se as bombas fossem reais.

(SOBE BG)

alunos sentados numa
arqui bancada

A quinta e sexta semana são as mais difíceis para os voluntários do CIGS. Nessas semanas, os alunos aprenderão a emboscar o inimigo e a

7

resistir as mais terríveis torturas, no caso de caírem em mãos de guerrilheiros inimigos. Primeiro, numa arquiabancada montada em plena selva, os voluntários recebem longas instruções teóricas. Depois, à ação!

Feitas as divisões de grupos, compostos de quinze homens cada um comandante de tropa e três chefes de grupos de combate, os voluntários entram por um varadouro onde, de lado a lado, praticamente não há visibilidade, com matas úmidas e cerradas, e árvores altíssimas. Desta vez, a figuração feita anteriormente nas manobras, quando os alunos eram "amigos" e os instrutores, "Inimigos", não ocorre. De cada grupo de trinta e dois estudantes, dezesseis serão "amigos" e outros tanto será inimigo. Cada grupo dessas têm à frente um oficial especialista em lutas de guerrilhas na selva. Isso dá perfeito equilíbrio à luta, com forças e vantagens iguais. Tanto uns como outros podem ganhar ou perder. Divididos a partir do varadouro, os grupos amigos e inimigos se espalham pela selva, começando uma verdadeira guerra de gato e rato.

Um tentará emboscar o outro, com o mais duro realismo possível. Observadores são mandados à frente do grupo amigo - que foi aquele que podemos acompanhar. Dois vão pelo varadouro e dois pelos flancos, dentro da selva. Na mata, é extremamente difícil assinalar a presença -

e

de um soldado camuflado. Não raras vezes, o inimigo pode caminhar ao nosso lado, a menos de dez metros de distância, sem que se o perceba. Acostumar os ouvidos e os olhos é condição fundamental para esse tipo de luta. Como nas caçadas, uma emboscada pode demorar muitos dias. Paciência e segurança obrigam o soldado à longa imobilidade, camuflado num poço ou escondido no alto de uma árvore. Nem as necessidades fisiológicas podem romper a imobilidade.

Enquanto amigos e inimigos preparam suas emboscadas, oficiais instrutores os acompanham de perto, realizando verdadeira guerra psicológica para testar a capacidade de comando, o senso de oportunidade e a resistência às crises nervosas, muito suscetíveis aos soldados na selva. Perguntas como: "você tem certeza que não foi abandonado no meio do mato?", ou "você sabe se o homem que está em cima daquela árvore é mesmo companheiro ou se trata de um inimigo?". Antes de mais nada, o soldado da selva precisa ter nervos de aço e raciocínio rápido e frio, em qualquer situação, mesmo quando ele estiver sozinho no meio da mata, cercado por tropas inimigas.

À noite, findos os treinamentos de emboscada humana, os alunos iniciam manobras de emboscada a combois de veículos militares.

Spalhados ao longo da estrada de Puraquequara

1084

9

usarão desta vez, balas e granadas reais. Anteriormente, eles foram informados pelo "serviço de informações" que um grande comboio inimigo iria cruzar aquela rodovia, transportando armas e gêneros. Contudo - dificultar a ação, a hora exata em que os caminhões passariam não foi estabelecida. Durante horas e horas seguidas, os soldados se mantêm escondidos à espera do comboio, estabelecendo eles mesmos sistemas de informações à distância e criando ardís para evitar que os homens durmam de cansaço sobre os fuzis, durante a espera. Para isso, são utilizados sinais luminosos, pios, assovios, os soldados atacam, com fuzis e morteiros, até a dizimação dos transportes inimigos.

(SOBRE O G)

locutor ao vivo

Só mesmo vivendo com os voluntários do CIGS suas seis semanas de instrução, pode-se avaliar com exatidão a dureza de treinamento e, se cru realismo. Essa dureza e esse realismo fizeram do Centro de Instrução de Guerra na Selva o mais respeitado pelos exércitos de todo o mundo, deixando para trás - com reconhecimento de ingleses e americanos - o centro de treinamento americano no Panamá e o britânico, na Birmânia, considerados até há pouco tempo como os mais eficientes da história. O CIGS

DA 1970 12 17 9

1085

10

suplantou-os exatamente pelo realismo e pela crueza do treinamento, e por exigir dos seus voluntários o que eles têm de melhor. A mistura da técnica e da resistência física e mental faz dos soldados de selva brasileiros os melhores do mundo.

As cenas que os senhores assintirão, foram usadas pela imprensa facciosa para, deturpadas, comprovar a existência de tortura no Brasil. No CIGS ela existe, sim. Mas de uma forma controlada, para ensinar a seus homens como resistir às torturas incontornáveis e abomináveis dos campos de concentração inimigos, das suas prisões e das suas lavagens cerebrais. "parentemente cruel e desumana, essa pretensa tortura, dá ao soldado o estôfo necessário para enfrentá-la numa guerra real. E vencê-la.

Encerrados o treinamento de emboscada humana e emboscada a veículos militares, os voluntários recebem outra missão: atacar uma base de foguetes inimigos em plena selva. Um código para a manobra é estabelecido: Operação Jaburú. A base é defendida pelos oficiais instrutores, enquanto todos os alunos participam como "amigos". Cabe a eles localizar a base, coletando informações dos habitantes da região, dos seringueiros e dos caçadores. O único dado de que dispõe: sabem que na base encontra-se um foguete de trinta metros de altura, cercado de palhoça fortificadas.

Os alunos são embarcados na Base de Instrução

Filme: mapa, operação-
jaburú

DA 1970 12 17

10

1086 11

número 01, em caminhões e, na Rodovia Amazonas número Dez - toda asfaltada - iniciarão os contatos para descobrir a localização do míssil. O serviço secreto os informa que um determinado caçador irá encontrá-los e, através de uma senha, fornecer a informação desejada. Como identificar esse caçador é o primeiro problema enfrentado pelos alunos, principalmente sabendo que a região está cercada de tropas inimigas.

Descoberto finalmente o caçador e obtida a informação, através de muitos ardís, os soldados têm que caminhar três quilômetros e meio abrindo picadas até a base inimiga. Para resumir: a caminhada teve início às 13 horas e a base foi localizada às 18 horas. Ou sejam: cinco horas para enfrentar três mil e quinhentos metros de mata.

O ataque à base de foguetes obtem rápido sucesso, com a destruição do míssil de longo alcance e aniquilação das forças defensivas. Tomada a base inimiga, os soldados amigos recebem ordem de reunir, às sete horas da manhã seguinte, junto à rodovia Amazonas 01, onde um cambôio os apanhará, o tempo é rigorosamente cumprido.

De volta à sua base de apoio, a limpeza das armas é a primeira medida tomada pelos soldados. A unidade da floresta ataca rapidamente os metais, e as armas precisam ser constantemente limpas e lubrificadas.

1087
12

Numa guerra, o tempo é curto. Unse sem descenso, os soldados recebem ordem para nova ação. Desta vez e de destruir um paiol de munição inimigo, localizado a quinze quilômetros da base de spôio. Um dia, uma noite e metade do outro dia são gastos para percorrer esse pequena distancia. Isso foi um tempo récorde!

Esse ataque também foi total de êxito, com o paiol destruído e a guarnição inimiga derrotada.

Em seu retorno a base a uma surprêsa, pela qual os voluntários pagam um êrro cometido de princípio: ao deixarem o quartel praticamente desguarnecido, para realizar o ataque ao paiol, êle é tomado pelas forças inimigas. desprevinidos, os alunos são retirados à força do cambôio e prêsos. Jogados no chão, sofrem as maiores humilhações possíveis.

ataque a praia

Contudo, graças a um golpe de sorte, os soldados "amigos" conseguem obter a liberdade, dominado os guerrilheiros inimigos, que se refugiam numa ponte de praia junto à lagoa de Parapequara. Pela madrugada, as forças amigas realizam uma operação de ataque a essa ponte de praia, usando barcaças de borracho. Os guerrilheiros inimigos resistem ferozmente, impedindo o desembarque lançando bombas de profundidade e linguas-de-fogo. No segundo ataque, os soldados "amigos" lançam-se pelos

flancos, pegando a retaguarda inimiga de surpresa, e obrigando os guerrilheiros à fuga desordenada.

1088

Durante várias horas, a perseguição se desenvolve ao longo da estrada de Paraquecuara e nas matas adjacentes, quando os voluntários sofrem várias emboscadas inimigas e ataques de surpresa.

(SEM BG)

A colocação de um dos pontos fundamentais de guerra na selva. Graças a uma tribo amiga, Ajuricaba, os soldados nacionais podem desenvolver melhor caçada aos guerrilheiros. Dos índios, recebem alimentação e informação quanto aos pontos estratégicos para um cerco eficiente. Profundos conhecedores da região, os índios auxiliam no esboço de mapas de ação. Ensina os soldados a comer em folhas de plantas - utilizadas como prato. Negar-se a comer com os índios é ofendê-los e despertar sua ira. Na madrugada do dia seguinte, um guia indígena orienta as tropas para o ataque aos acampamentos inimigos dentro da selva.

Contudo, no meio do caminho, não emboscados. Prestam agora muita atenção nestas imagens. Coitados de surpresa pelas forças inimigas, são obrigados a caminhar ajoelhados, com as mãos na nuca, por centenas de metros até o acampamento guerrilheiro, onde serão identificados e despojados de seus documentos e equipamento, inclusive roupa e coturno.

De frente, os guerrilheiros iniciam o processo de doutrinação dos soldados, em nome

14 1089

da República da Bagnória. Treinados teoricamente, os soldados se negam a qualquer informação ou aceitação doutrinária.

Isso os leva às maiores torturas. Uma delas, a do lapis, consiste em obrigar o soldado a carregar nas costas ^{uma} tronco de árvore de um metro de diâmetro, sabendo de joelhos por vários metros. Caso o soldado continue se negando a dar as informações exigidas, ele é obrigado a escrever seu nome no chão com o tronco.

Dei para a frente é uma sucessão de sofrimentos, que só devem ceder quando os soldados passarem para o lado inimigo ou informar os comandantes guerrilheiros dos movimentos militares das tropas nacionais.

Caso contrário, são atirados num campo de concentração, com as costas numeradas e amarrados em fila, pelo pescoço. Alguns são escolhidos para bode espiatório e deverão passar, diante dos companheiros, por sofrimentos atrozes - que visam abalar o moral da tropa prisioneira. Homens são ligados a cruzes, onde ficam horas e horas a fio. Ou metido em pequenas gaiolas, suspensas no ar. Ou atirados em fossas cheias de sapos gigantes.

(TOM) Isso faz parte do treinamento. Aquêles que conseguirem passar por essa prova poderão enfrentar qualquer inimigo em qualquer tipo de campo. Segundo as histórias que se conta no CIGS, são inúmeros os que desistem do curso,

quando são atirados no campo de concentração. Mas a porcentagem é pequena. A maioria resiste bem.

Foram essas imagens que deram vida e subsídio à uma campanha de difamação ~~contra~~ ^{contra} do país no exterior. Apenas ninguém disse que esses homens são militares profissionais, dispostos a tudo para se tornarem os melhores guerreiros do mundo.

(SOBRE BG)

Depois de vinte quatro horas no campo de concentração, as tropas "amigas" - auxiliadas pelos índios ajuricabas surgem para libertar os prisioneiros. Enquanto parte das tropas nacionais empenha-se em caçar os guerrilheiros da Bagnólia, que conseguem se retirar para a mata, os ex-prisioneiros tomam o caminho da rodovia Amazonas Dez, distante quarenta e oito quilômetros do campo de concentração. Cansados e abatidos com a experiência do campo, os soldados devem ter ânimo e disposição para se afastar rapidamente e atingir, o mais depressa possível, as suas próprias posições. Saíndo às quatro horas de manhã do campo de concentração inimiga, os soldados teriam que estar na A-Dez às dezesseis horas do dia seguinte, quando um cambôio os apanharia e os levaria de volta à base. Mas, mesmo com os sofrimentos passados em mãos inimigas, os soldados avançam com impressionante rapidez pela selva,

chegando quatro horas antes do combinado ao ponto de encontro, o que impressionou os próprios oficiais instrutores e ao comandante CIGS.

(SOBE BG)

“ base significa mais que um local seguro, agora. Ao pisar ali, os soldados concluem o treinamento intensivo de guerra na selva. São homens mudados, amadurecidos, combatentes temidos e temíveis.

Agora, podem receber as cartas da família e brincar de nôvo, uns com os outros, como bons companheiros.

Há casos engraçados e casos comoventes. Como o de Waldecir Saraiva de Souza, do décimo segundo batalhão de engenharia de combate, com sede em Alegrete, no Rio Grande do Sul: Ao pisar no CIGS, no seu primeiro dia de treinamento, recebeu um telegrama informando que sua esposa acabara de dar à luz. Waldecir poderia ter retornado ao seu quartel. Ainda mais porque eram gêmeos. Mas fez o curso inteiro. No dia em que retornou, já havia no quartel do CIGS uma fotografia dos garôtos Waldemiriam e Waldecir.

(SOBE BG)

Depois de quarenta e cinco dias de selva, de sujeira, de uniformes enlameados, botas molhadas e olhos cheios de barro, o dia é de festa. Limpos, inifotme de gala, sapatos brilhantes, os voluntários se perfilam dian-

1092

17

te da bandeira nacional, no pátio do Quartel General do Centro de Instrução de Guerra na Selva, em Manaus, para receber seu diploma e a pequena onça bordada em prata, que os distinguirá sempre como os mais treinados e mais dispostos combatentes do mundo.

(SOBRE BG - DE PREFERÊNCIA A CANÇÃO DO EXPEDICIONÁRIO).

fim FIM fim FIM

DA 1970 12 17 17X